

Tal mãe, tal filha: a redução do universo feminino em *Memórias de um sargento de milícias*

As mother, as daughter: the reduction of the female universe in Memórias de um sargento de milícias

Izabel Cristina Wagner*

Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

Marcos Hidemi de Lima**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

* Discente do curso de Licenciatura em Letras (Português-Inglês) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco. Mestre em Educação e Novas Tecnologias pelo Centro Universitário Internacional.

** Docente do curso de Licenciatura em Letras (Português-Inglês) e do Mestrado em Letras (PPGL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco. Doutor em Letras (UEL, 2011).

Resumo: A partir da leitura de *Memórias de um sargento de milícias*, escrito por Manuel de Antônio Almeida, este artigo propõe-se estabelecer um contraponto entre os contextos e vivências das personagens femininas Maria-da-Hortaliça, mãe do protagonista Leonardo, e Luisinha, seu principal interesse amoroso. Por meio das reflexões apresentadas, objetiva-se ressaltar a maneira como o escritor expressa estruturas de pensamento vigentes no final do século XIX, construindo janelas que permitem ao leitor contemporâneo observar os detalhes e nuances de uma sociedade que, ainda hoje, encontra ecos na nossa. Do mesmo modo, procura-se demonstrar como os pensamentos, concepções e estruturas sociais retratadas foram capazes de reduzir o universo feminino aos limites do lar, do cuidado para com a família e da busca por relacionamentos amorosos. Para tanto, o presente artigo pautou-se em processos de pesquisa bibliográfica, apoiando-se nos apontamentos e teorias de autores como Candido (2000, 2014, 2015), Del Priore (2011), Dhoquois (2003) e Schwarz (1987). Por fim, muito mais do que confirmar a redução e limitação do universo feminino, reconheceram-se na clássica narrativa o delineamento de cenas de violência doméstica, bem como de interesses socioeconômicos perante personagens femininas cujas heranças, ou dotes, possibilitariam a edificação de novas realidades aos gêneros masculinos que as conquistassem. Assim, para além da redução do universo feminino, encontra-se em *Memórias de um sargento de milícias* uma certa objetificação da figura feminina.

Palavras-chave: *Memórias de um sargento de milícias*, Manuel Antônio de Almeida, Gênero; Sociedade; Feminino.

Abstract: From the reading of *Memórias de um sargento de milícias* by Manuel de Antônio Almeida, this paper proposes to establish a counterpoint between the contexts and living experiences of the feminine characters Maria-da-Hortaliça, mother of Leonardo Filho, and Luisinha, his love interest. Through the reflections presented, the way the writer shows the structures of thought delimited at the end of the XIX century is stated to build windows that helps the contemporary reader to see the details and nuances of a society that still lives in ours. At the same time, the study aims to demonstrate how thoughts, conceptions, and social structures could reduce the feminine universe to the limits of the house, the taking care of the family, and the search for love interests. Therefore, this paper is based on bibliographic research processes, relying on the notes and theories of authors such as Candido (2000, 2014, 2015), Del Priore (2011), Dhoquois (2003), and Schwarz (1987). Finally, more than verifying the reduction and limitation of the feminine universe, scenes of domestic violence were recognized along the classic narrative, as well as socio-economic interests towards female characters whose heritage could represent a new life and reality for the ones who conquer it. Thereby, beyond the reduction of the feminine universe, we see the objectification of the female figure in *Memórias de um sargento de milícias*.

Key-words: *Memórias de um sargento de milícias*, Manuel Antônio de Almeida; Gender; Society; Feminine.

WAGNER, Izabel Cristina; LIMA, Marcos Hidemi de. Tal mãe, tal filha: a redução do universo feminino em *Memórias de um sargento de milícias*. *Léguas & Meia*, Brasil, v.15, n. 1, p. 144-155, 2024.

Introdução

A trajetória humana, de seus primórdios à contemporaneidade, encontra-se permeada por ficções habilmente confeccionadas com o intuito de transmitir lições, sentimentos, prazer àqueles que as recebem com atenção. Tecendo narrativas a partir dos mais fantásticos, ordinários ou misteriosos fragmentos da imaginação, a humanidade encontrou a possibilidade de criar e recriar cenários, universos, futuros possíveis e impossíveis, muitas vezes, peculiarmente similares à realidade e contextos de sua existência. Na medida em que suas ficções se tornam mais complexas, que suas mensagens são assimiladas por mais ouvintes, que suas histórias englobam tanto o conhecido quanto o desconhecido, expandem-se habilidades, colaboração, saberes e extensão dos domínios humanos.

Com a consolidação da criatividade, habilidades narrativas e ficções humanas, nasce a literatura, que se expressa como experiência de reelaboração da realidade. Sua verossimilhança, desassociada ou não de uma relação com a verdade, oportuniza uma infinidade de construções, reflexões e interpretações. Como tantas outras formas de arte, a literatura, nas palavras de Antonio Candido (2014), depende de elementos presentes no meio, os quais são expressos na obra em diversos graus de sublimação. É por meio destes elementos, aproveitados pela criação artística literária, que o leitor modifica sua conduta, suas visões de mundo, consolidando, ainda, valores previamente estabelecidos.

Ao voltar-se para a realidade, a literatura delinea traços característicos de seu contexto de origem, possibilitando a construção de janelas, pontes ou percursos que direcionam para o humano e suas essências, períodos ou contextos históricos, visões de mundo ou comportamentos peculiares a determinadas sociedades. Neste sentido, certas obras podem oferecer reflexões, ou mesmo informações, acerca do passado, instigando comparações com o presente e oportunizando construções de cenários futuros. É por meio desta linha de raciocínio que o presente artigo propõe uma trajetória teórica e avaliativa, recorrendo ao pensamento de que literatura “[...] é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma esterilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos.” (CANDIDO, 2014, p. 63). Do mesmo modo, conforme destaca Umberto Eco:

Ela [a literatura] nos proporciona a oportunidade de utilizar infinitamente nossas faculdades para perceber o mundo e reconstituir o passado. A ficção tem a mesma função dos jogos. Brincando as crianças aprendem a viver, porque simulam situações em que poderão se encontrar como adultos. E é por meio da ficção que nós, adultos, exercitamos nossa capacidade de estruturar nossa experiência passada e presente. (1994, p. 137).

Para o filósofo e linguista italiano, leitor e autor voltam-se sobre suas próprias experiências a fim de compreenderem e interpretarem determinado texto. Do mesmo modo, por meio de observações atentas e transformações peculiares dos elementos, contextos e situações reais que os cercam, da vida que acontece para além das páginas de seus livros, encontram a inspiração necessária para sua produção literária. Assim, as nuances e “[...] referências precisas ao mundo real são tão intimamente ligadas que, depois de passar algum tempo no mundo do romance e de misturar elementos ficcionais com referências à realidade, como se deve, o leitor já não sabe muito bem onde está.” (ECO, 1994, p. 131).

Efetuada estas considerações iniciais, o presente artigo visa apresentar como temática norteadora a observação de figuras marginalizadas no âmbito da produção

literária nacional. Considerando a extensão e possibilidades proporcionadas pelo tema, o artigo toma como base a análise, interpretação e reflexão do romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. A finalidade é a construção de um contraponto entre as figuras de Maria-da-Hortaliça e Luisinha, a primeira mulher de Leonardo Pataca e mãe de Leonardo Filho, a última esposa de Leonardinho, distanciadas por uma geração, demonstrando a redução do universo feminino aos limites do lar, cuidado com a família e busca por certas configurações de amor.

Previamente às análises, contudo, demonstram-se os principais elementos constituintes da obra, destacando-se as características do movimento artístico-literário que lhe deu origem, bem como aspectos em que se enquadram a construção da narrativa, definição do narrador e sucessão de eventos que definem o enredo.

Por fim, no âmbito dos processos teórico-metodológicos delineados quando da construção do artigo, ressalta-se sua fundamentação na pesquisa bibliográfica. Neste sentido, a base para as discussões estabelecidas ao longo do texto recorre aos pensamentos de autores cujos apontamentos contribuem com o debate proposto, bem como ao próprio material de análise, a narrativa literária, que possibilita o delineamento de olhares para realidades e contextos característicos de uma época passada.

Um olhar para as Memórias

Escrito por Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias* foi publicado entre 1852 e 1853 em formato de folhetim, na seção humorística intitulada “Pacotilha”, no período em que o escritor figurava entre os redatores do jornal *Correio Mercantil*. Ao longo de 1854 e 1855, a narrativa seria editada e publicada em dois tomos, apresentando-se no formato como hoje pesquisadores e leitores a conhecem e recebem.

Segundo Candido, *Memórias de um sargento de milícias* destoa dos “padrões e o tom do momento [Romantismo]” (2000, p. 195) despontando, por conseguinte, como uma obra na qual existem alguns elementos do movimento realista no âmbito da produção literária nacional. Embora essencialmente romântica em seus direcionamentos e aspectos estilísticos, demonstrando especial apreço pela sucessão de eventos que delineiam o enredo, o romance se constrói de maneira a assumir atmosfera e aspectos de imparcialidade. Em seu livro, o escritor não demonstra esforços na medida em que desliza entre a qualidade romântica da construção de embates entre o bem e o mal. Contudo, os eventos narrativos e as desventuras retratadas por Manuel Antônio de Almeida estão “[...] isentas de qualquer traço idealizante e procuram despregar-se da matéria romanceada graças ao método objetivo de composição, próximo do que seria uma crônica histórica” (BOSI, 2015, p. 161).

Ao longo da narrativa, personagens falhos e intrinsecamente humanos percorrem momentos cotidianos de uma vida pautada tanto na moralidade quanto na imoralidade, limitando definitivas classificações como “bons” ou “maus”. Nesta perspectiva, Candido (2000) defende que o romance objetiva espreitar a vida das personagens, constituindo-se por meio da observação superficial de suas ações, afastando-se, assim, do aprofundamento psicológico. Há, porém, outra ótica de apreensão da obra por Candido. No seu ensaio “Dialética da malandragem”, o crítico defende a tese de que o romance apresenta personagens que sujeitas à “dialética da ordem e da desordem” (2015, p. 31), isto é, elas oscilam entre o pertencimento ao hemisfério positivo da ordem, o da obediência às leis, aos acordos etc., e o hemisfério negativo da desordem, o da ligação a ações ilícitas, moralmente condenáveis etc.

Tais aspectos da construção de *Memórias de um sargento de milícias* oferecem consideráveis limitações quando do conhecimento das personagens, tornando escassas as informações acerca de suas vidas privadas, suas essências, visões e posicionamento de mundo, bem como anseios, dores, sentimentos ou pensamentos. Observando a progressão narrativa, o leitor se configura como observador distanciado, acompanhando uma sucessão de eventos que, por entre reviravoltas e confusões, assemelha-se a interessantes relatos de conhecidos, informações compartilhadas por olhos e ouvidos que muito conheciam sobre costumes e tipos de determinada época.

Neste sentido, a narrativa se define como uma verdadeira “[...] realidade elaborada por um processo mental que guarda intacta a sua verossimilhança externa” (CANDIDO, 2000, p. 97), uma vez que:

Manuel Antônio deseja contar de que maneira se vivia no Rio populearesco de D. João VI: as famílias mal organizadas, os vadios, as procissões, as festas, as danças, a polícia; o mecanismo dos empenhos, influências, compadrios, punições, que determinavam uma certa forma de convivência e se manifestavam por certos tipos de comportamento. (CANDIDO, 2000, p. 198).

Constituindo-se com base nestes princípios e características, *Memórias de um sargento de milícias* se enquadraria como um romance de costumes, mas ele não se encaixa apenas nesta classificação. Elementos constantes na obra dão-lhe o sabor de romance de costumes pincelado de passagens folhetinescas. Como ele tende a apresentação de sucessivos acontecimentos, o prejuízo recai sobre as personagens, havendo a caracterização de tipos, a construção de personagens delimitados, classificados como:

[...] rasos psicologicamente, desprovidos de surpresas, avaliados pelo autor de uma vez por todas desde os primeiros golpes de vista. Assim são também os das Memórias, que não precisam sequer de uma pincelada após a primeira caracterização; os acontecimentos passam, envolvendo-os, e eles permanecem idênticos. (CANDIDO, 2000, p. 197).

Por fim, quando da classificação do narrador, Ruy Castro (2013) ressalta que o título do livro expressa os indícios necessários para sua definição, uma vez que, por tratar-se de memórias, tende a delimitar-se por meio de um narrador-personagem, um ser ficcional que relembra cada acontecimento, sentimento ou consequência relatada. Contudo, *Memórias de um sargento de milícias* diversifica a construção narrativa ao fundamentá-la por meio de um narrador que se expressa em terceira pessoa. Tal opção, todavia, é condizente com os direcionamentos e características do livro, uma vez que o narrador em terceira pessoa, segundo observações de Beth Brait, “[...] simula um registro contínuo, focalizando a personagem nos momentos precisos que interessam ao andamento da história e à materialização dos seres que a vivem.” (1985, p. 56). Complementando tal proposição, a autora destaca ainda que:

[...] o registro detalhado do comportamento das personagens é tarefa, via de regra, de um narrador colocado fora da história e encarregado de acumular traços que funcionam como indícios da maneira de ser e de agir dos agentes das ações compreendidas pela narrativa. Através desses traços, a personagem vai sendo construída, e o leitor, por sua vez, pode descobrir, antes do final, a dimensão ocupada pela personagem no desenrolar dos “acontecimentos”. (BRAIT, 1985, p. 56).

Demais, cumpre salientarmos que este narrador empregado por Almeida – “fora da história” como salienta Brait – não se detém apenas em focar Leonardo Pataca e o

filho, personagens centrais que servem como amarração dos fatos narrados. O ângulo do narrador deste romance estende-se também a outras personagens de *Memórias de um sargento de milícias*, conferindo, dessa maneira, “uma visão dinâmica da matéria narrada” (2015, p. 19) do livro conforme observa Candido no já mencionado “Dialética da malandragem”. Assim, a narrativa de Manuel Antônio de Almeida se transforma em espécie de recorte sincrônico, nas palavras de Bosi (2015), uma vez que oferece ao leitor contemporâneo visões e contextos da vida familiar brasileira nos meios urbanos. Vida esta que, por meios de nossos recortes de pesquisa e análise, viremos a observar.

Tal mãe: a realidade ficcional de Maria-da-Hortaliça e seu lado do prisma da figura feminina no século XIX

Quando das considerações acerca do contexto histórico e estilístico de *Memórias de um sargento de milícias*, procurou se demonstrar, ao longo da primeira parte deste artigo, seu direcionamento narrativo para a exposição de costumes e aspectos característicos da urbanidade de um Rio de Janeiro pertencente à época de D. João VI. Analisando tais particularidades, Candido (2000) destaca a maneira como Almeida expressa tradições e detalhes típicos de parcelas populares da população, de comunidades que não pertenciam às classes dominantes, que não se enquadravam nos domínios da burguesia ou nobreza. Deste modo, excluindo a ideia de que o romance quisesse representar fielmente a sociedade carioca de então, o que corrobora a observação de Roberto Schwarz em “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’” de que o romance não expressa “uma visão de classe dominante”, mas sim “uma atitude muito brasileira, de ‘tolerância corrosiva’, que vem da Colônia ao século XX, à qual se prende uma linha mestra de nossa cultura” (1987, p. 133), a trajetória narrativa demonstra os pormenores das procissões, festas de batizados, momentos e experiências vivenciados por constantes jogos de interesses. Alinhando elementos de uma realidade verossímil à criatividade da produção literária, o escritor de *Memórias de um sargento de milícias* constrói uma janela para contextos passados, possibilitando o delineamento de leituras e análises sobre um dos períodos responsáveis pelo balizamento e direcionamento da sociedade brasileira contemporânea.

Tais apontamentos fundamentam a construção das reflexões expressas ao longo desta segunda parte, as quais objetivam contrapor, por meio de trechos dispostos na narrativa de *Memórias de um sargento de milícias*, realidades distintas e, ao mesmo tempo, complementares. Por um lado, acompanharemos um breve período da vida ficcional de Maria-da-Hortaliça, mãe de Leonardo, protagonista da obra. Por outro, debruçar-nos-emos sobre a realidade de Luisinha, moça esquisita, viúva e interesse amoroso de Leonardo.

Para tais conjecturas, manteremos pressuposto o comentário de Regine Dhoquois de que, para o período histórico da obra, bem como para os limites literários e ficcionais da narrativa, “[...] a mulher é antes de tudo esposa e mãe, responsável pelo bem-estar da família. Naturalmente, tudo se encadeia: a esposa/mãe cuida da casa e dos filhos, no plano material e moral, e do marido” (2003, p. 47). Nos parágrafos e itens subsequentes, observaremos nas duas personagens femininas tal pressuposto, alinhado, ainda, às vivências e contextualizações ficcionais específicas de cada personagem.

Maria-da-Hortaliça é apresentada logo nas primeiras páginas do romance. Embora as características narrativas limitem o acesso aos seus desejos, nuances, dores e pensamentos, sua travessia e jornada para terras brasileiras é delimitada e esmiuçada com

base em sua conexão com o pai de Leonardo, protagonista de *Memórias de um sargento de milícias*.

A personagem é imigrante proveniente dos arredores de Lisboa, Portugal. Seu passado não convém ao livro, a narrativa pouco ou nada evidencia acerca de suas motivações quando do início de vida nova em outro país, limitando sua trajetória à atração sentida pela figura masculina representada por Leonardo Pataca. Desconhecemos detalhes e trajetórias do passado de Maria-da-Hortaliça, que o narrador revela ter sido “quitandeira” e que, no âmbito de uma classificação como personagem-tipo, anuncia sua ocupação, delimitando o pouco de informação que conheceremos acerca de sua vida. Assim, interessa saber que, pouco antes da travessia marítima de Lisboa para o Rio de Janeiro, ela é fisgada por Leonardo Pataca. A personagem “[...] viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria-da-Hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rechonchuda e bonitota.” (ALMEIDA, 2013, p. 33).

Por meio de “uma pisadela e de um beliscão”, Leonardo Pataca e Maria-da-Hortaliça iniciam relação amorosa. O flerte inusitado, iniciado em terra firme, se intensifica no navio, propulsionado, possivelmente, pelas vivências limitadas, barreiras físicas de convívio e de restrições de atividades. Logo, a pisadela, “forma de pressionar ou de deixar marcas em lugar [os pés] tão ambicionado pelos homens” (2011, p. 74) – definida por Mary Del Priore como uma das extremidades do corpo feminino eroticamente valorizada pelos homens de então – e o beliscão, a contrapartida feminina que indicava satisfação na corte feita, se intensificam, o romance entre o casal se consolida, a atração abre espaço para a intimidade e, meses após desembarcar no Brasil, Maria-da-Hortaliça se percebe grávida.

Neste ponto, interessa-nos ressaltar que:

[...] vivia-se na América portuguesa num cenário com algumas características invariáveis: a família patriarcal era o padrão dominante entre as elites agrárias, enquanto, nas camadas populares rurais e urbanas, os concubinatos, uniões informais e não legalizadas e os filhos ilegítimos eram a marca registrada. (DEL PRIORE, 2011, p. 53).

Tais características fortemente determinam a trajetória ficcional desta personagem, bem como a de Leonardo Pataca. Encontrando-se grávida, sem redes de apoio e perspectivas definitivas de futuro, acostumando-se aos aspectos da nova realidade em que se inseriu, Maria-da-Hortaliça interliga sua trajetória a do companheiro, fixando residência na então capital brasileira. É deste modo que, ainda que a narrativa assim não a defina, Maria se reconhece como esposa de Leonardo Pataca.

Sete meses depois do início do relacionamento do casal de imigrantes, nasce Leonardo, cujo narrador ironicamente chama “filho de uma pisadela e um beliscão”. Seu nascimento, portanto, origina-se de uma relação “não convencional” que resultou na gravidez da saloia, transformando-se no centro da vida de Maria-da-Hortaliça, juntamente com o cuidado para com a residência familiar e apreço pelo bem-estar do companheiro com o qual foi morar junto assim que chegaram ao Rio de Janeiro.

Observando os trechos e conjecturas expressos nos parágrafos anteriores, quando da análise dos contextos e vivências de Maria-da-Hortaliça, percebemos que *Memórias de um sargento de milícias* limita o universo feminino, demonstrando a visão e posicionamento da sociedade carioca, urbana, do século XIX, em relação às mulheres. É o que sucede com a vasta gama de personagens femininas que toma parte da narrativa. A exceção – facilmente perceptível pelos leitores – ocorre com algumas senhoras pertencentes a realidades peculiares e muito específicas. A maioria delas restringe-se ao

exercício de atividades domésticas, ao cuidado com a família e demonstrações, ou não, de afetividade pelas figuras masculinas que compõem a trama.

Abordando a questão do afeto direcionado às figuras masculinas, é relevante mencionar que, na medida em que o tempo narrativo transcorre, a atração do casal Leonardo e Maria-da-Hortaliça parece diminuir, culminando no enfraquecimento do abraçado romance inicial e nascimento de aparentes investidas, ou visitas, de novos amantes da companheira de Leonardo Pataca. Como justificativa para as atitudes da personagem, entretanto, o romance limita-se a informar:

Afinal de contas a Maria sempre era saloia, e o Leonardo começava a arrepender-se seriamente de tudo que tinha feito por ela e com ela. E tinha razão, porque, digamos depressa e sem mais cerimônias, havia ele desde certo tempo concebido fundadas suspeitas de que era atraído. (ALMEIDA, 2013, p. 36 e 37).

As possíveis traições de Maria instauram uma densa atmosfera, carregada de sentimentos e frustrações no âmbito da residência familiar, proporcionando a florescência de faces até então desconhecidas de Leonardo Pataca. O caráter de esposo logo se expressa por meio da demonstração de uma realidade vivenciada até a contemporaneidade por mulheres provenientes das mais diversas classes sociais. O suposto “romantismo incorrigível” do personagem, expresso e evidenciado inúmeras vezes ao longo do livro, abre espaço para a violência doméstica. Assim, de maneira tranquila e distanciada, o narrador, que volta o olhar para a situação de homem ultrajado pela mulher, ressalta que “[...] a lembrança do amor aumentou-lhe a dor da traição, e o ciúme e a raiva de que se achava possuído transbordaram em socos sobre a Maria” (ALMEIDA, 2013, p. 37).

Curiosamente fundamentado por seu distanciamento, por sua pertinente imparcialidade, narrativa e narrador não insinuam críticas perante tal comportamento de violência doméstica perpetrada por Leonardo Pataca, evitando condenar ações que, embora a época desconsiderasse, a contemporaneidade reconhece como passíveis de pena criminal. A apatia que permeia a vizinhança, porém, evidencia forte correlação com a atualidade, na qual ainda impera o pensamento, consagrado numa espécie de provérbio popular, de que “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”. Em verdade, na época:

Existia um alto nível de violência nas relações conjugais. Não só violência física, na forma de surras e açoites, mas a violência do abandono, do desprezo, do malquerer. Os fatores econômicos e políticos que estavam envolvidos na escolha matrimonial deixavam pouco espaço para que a afinidade sexual ou o afeto tivessem grande peso nessa decisão. (DEL PRIORE, 2011, p. 56).

Normalizada a agressão e imperando o distanciamento de afetos verdadeiros, não surpreende perceber que, após a agressão, Maria abandone a família, retornando para Portugal sem que se efetivem quaisquer esforços da narrativa para delinear seu destino, os novos contextos em que a personagem se inseriu, os anseios ou temores que a impulsionaram para retornar ao antigo país. Os limites da existência de Maria-da-Hortaliça no romance restringiram-na à residência familiar, às atividades domésticas, à atração da e pela figura masculina e a geração de descendentes. Sua sina tornou-se a traição e agressão, além do descaso narrativo no que diz respeito ao que sucedeu a ela após deixar o Brasil, impulsionando uma evidente invisibilização da figura feminina ainda que o romance se pautasse por um espírito de humor e burla.

Em nossa análise sobre Maria-da-Hortaliça, atendendo aos objetivos propostos no início deste artigo, observamos como o universo feminino é reduzido a alguns espaços e alguns misteres considerados como naturais nas mulheres da época e ainda nos dias atuais. Além disso, focalizamos o exercício da violência física de Leonardo Pataca contra a companheira que o traíra – prática habitual da sociedade da época em que os fatos do romance ocorrem, demonstrando cabalmente que o poder cabia aos homens.

Tal filha: a realidade ficcional de Luisinha e o outro lado do prisma da figura feminina no século XIX

Luisinha, segunda personagem a ser analisada neste artigo, desponta em *Memórias de um sargento de milícias* por tornar-se, futuramente, a esposa de Leonardo Filho. Este foi abandonado pela mãe, que retornou para Portugal como já comentado anteriormente. O próprio pai se desvincula de suas responsabilidades, deixando Leonardo Filho aos cuidados do Compadre, barbeiro e vizinho do casal, que passa a cuidar e apreciar a companhia do afilhado.

Aos cuidados do Compadre, Leonardo cresce. Contudo o tempo não permite seu amadurecimento, oportunizando à narrativa incontáveis relatos de aventuras, confusões e travessuras realizadas por seu impertinente protagonista. Assim, o tempo avança e, com a chegada da adolescência, Luisinha entra em cena.

Luisinha é sobrinha de dona Maria, senhora idosa sem descendentes, viúva que usufrui de alguma posição social, vizinha e amiga do Compadre. É por intermédio de dona Maria que Luisinha encontra Leonardo Filho. Deste primeiro encontro, há o surgimento de um interesse amoroso por parte de Leonardo. Interessa-nos, todavia, no âmbito do que é proposto neste artigo, expressar – ao analisar Luisinha – a realidade de uma segunda geração feminina, proveniente de outro contexto sociocultural.

O narrador observa que Luisinha é órfã, desamparada por não apresentar figura masculina que lhe ofereça condições para a construção de um futuro assegurado. Com o falecimento do pai, irmão de d. Maria, a prestativa e bem-intencionada senhora inicia processo para conquistar a tutoria da menina. Um compadre do pai de Luisinha também se apresenta como tutor. Entretanto, “[...] não gozava de boa reputação: ora, tendo a órfã ficado senhora de alguns mil cruzados que deixara seu pai, ainda que este não tivesse feito testamento, por ser ela filha única e legítima, o compadre apresentou-se pretendendo ser seu tutor” (ALMEIDA, 2013, p. 117). Deste modo, percebe-se que o interesse pelo destino de Luisinha passa por questões pecuniárias.

Por meio desta passagem, *Memórias de um sargento de milícias* delinea a visão da sociedade da época em relação a moças como Luisinha. Sua herança a transformava em foco de interesse. Os recursos financeiros deixados por seu pai atribuem contornos de mercadoria, seja pelo valor monetário da moça, ou pelo desinteresse masculino por sua personalidade, sentimentos e pensamentos. Neste ponto, uma vez mais o romance expressa a tendência pelo distanciamento do íntimo das personagens femininas, evidenciando somente o exterior, os contextos em que elas se encontram. Ademais, a narrativa evidencia a realidade de que mulheres “[...] jovens da elite eram vendidas, como qualquer animal, nos mercados matrimoniais. Excluía-se o amor dessas transações.” (DEL PRIORE, 2011, p. 41). Tal consideração demonstra que, superados os embates para conquista da tutoria de Luisinha por parte de dona Maria, iniciam-se as investidas de pretendentes, interessados em sua herança e dote.

No jogo de interesses pela mão de Luisinha, nas estratégias desenvolvidas para conquista do afeto de dona Maria, no lento percurso de inserção nos convívios mais íntimos das personagens, bem como na curiosa tendência estabelecida pelas influências de cada pretendente, a narrativa apresenta aos leitores José Manuel, oponente de Leonardo.

José Manuel, com muita lábia, habilidade e perspicácia, conquista espaço no círculo de amigos e cotidiano familiar, garantindo afinidade e afeto de dona Maria. Neste ponto, é importante ressaltar que, ao nos questionarmos acerca do que Luisinha pensa acerca do pretendente, suas atitudes ou aparência, não encontramos nenhuma informação. O romance não fornece espaço e voz à personagem. Seus interesses pouco importam, seus anseios não são relevantes enquanto não possibilitarem a conclusão desejada para a narrativa. As opiniões de Luisinha não influenciam o direcionamento dos eventos, expressando não somente sua invisibilidade, mas também sua limitação ao universo do matrimônio e geração de descendentes.

Os interesses de José Manuel, contudo, são expressos de maneira clara e objetiva, sendo destacados pelo narrador:

Tão exagerados eram os afagos de José Manuel para com d. Maria, e tanto repartia ele esses afagos com Luisinha, que bem claro se deixou ver que havia neles fim oculto. Afinal o negócio aclarou-se. D. Maria era, como dissemos, rica e velha; não tinha outro herdeiro senão sua sobrinha: se morresse d. Maria, Luisinha ficaria arranjada, e como era muito criança e mostrava ser muito simples, era uma esposa conveniente a qualquer esperto que se achasse (ALMEIDA, 2013, p. 131).

A persistência do interesse de José Manuel promove embates, fofocas, consolidação de alianças e verdadeiras disputas de influência. A propósito, estas ações diversas observadas em José Manuel mostram que o romance se fundamenta na movimentação constante do enredo, nas peripécias características dos romances folhetinescos do tempo, cercado-se de reviravoltas, confusões e encantadora previsibilidade. Deste modo, a obra direciona o leitor para uma sucessão de estratégias, traições e atitudes das personagens, constituindo momentos de tensão que definem, de uma vez por todas, o destino final de Luisinha. É assim que José Manuel conquista a mão da jovem, casando-se com ela após a escolha final de dona Maria e conseqüente derrota de Leonardo Filho.

O casamento de Luisinha e José Manuel, uma vez consolidado, demonstra a redução do universo feminino aos limites da residência conjugal, diminuindo os interesses, atividades e perspectivas da figura feminina ao cuidado e organização do lar, geração de descendentes e apreço pelo bem-estar do esposo. Tal realidade se delineia abertamente ao longo da narrativa, sendo ressaltada pelo próprio narrador, que observa que José Manuel, tendo conquistado seus objetivos, passa a definir-se como “[...] um verdadeiro marido-dragão [...] Depois que se havia mudado de casa de d. Maria, nunca mais Luisinha vira o ar da rua senão às furtadelas, pelas frestas da rótula” (ALMEIDA, 2013, p. 237).

Considerando a transposição da realidade para construção da narrativa ficcional, é interessante pensar que o valor da esposa, segundo Del Priore, “[...] perante a sociedade estava diretamente ligado à “honestidade” expressa por seu recato, pelo exercício de suas funções no lar e pelos inúmeros filhos que daria ao marido.” (2011, p. 56). A historiadora ressalta, ainda, que o tratamento ofertado à Luisinha não passava de normalidade, uma

vez que mulheres casadas encontravam suas vidas restritas ao limite do lar, pouco saindo ou interagindo com a sociedade.

Como mencionado anteriormente, *Memórias de um sargento de milícias* não delinea esforços para o aprofundamento psicológico das personagens, dificultando ou impossibilitando o leitor quanto à compreensão de seus pensamentos, anseios e opiniões sinceras. Pouco se pode conjecturar acerca das privações vivenciadas por Luisinha, entretanto os trechos destacados nos permitem refletir que, assim como a anteriormente analisada Maria-da-Hortaliça, Luisinha também teve sua vida e trajetória limitada por contextos, visões e fundamentos de uma sociedade restrita a pensamentos que, na contemporaneidade, julgamos e condenamos.

A mulher pouco ou nada cabia. Seu destino era o casamento, o cuidado com o lar e apreço pela família. Este é o contexto de Maria-da-Hortaliça, Luisinha e tantas outras personagens femininas. Tais futuros se justificam na busca e construção de uma relação romântica, concluída, como espécie de prêmio de consolação pelas próprias decisões de Luisinha que, tornando-se viúva e transformando-se novamente em interesse amoroso de Leonardo Filho, decide recorrer ao caminho do amor romântico, informando d. Maria que, a fim de “[...] lhe obedecer e fazer-lhe o gosto casei-me uma vez, e não fui feliz; quero ver agora se acerto melhor, fazendo por mim mesma nova escolha.” (ALMEIDA, 2013, p. 257). Neste sentido, por fim, somente com a morte do cônjuge a mulher encontra liberdade para decidir acerca dos rumos de sua própria vida. Contudo, tal liberdade ainda se percebe limitada, restrita ao universo amoroso, a escolha de um novo esposo, isso quando, para uma mulher viúva, determinada escolha ainda se demonstrava possível.

Considerações finais

Memórias de um sargento de milícias é fruto de uma época, representando costumes e pensamentos da sociedade urbana do Rio de Janeiro do “tempo do rei”, isto é, os anos de 1808 a 1821, período em que D. João VI viveu no Brasil. Obra romântica com traços realistas, ou espécie de predecessora do realismo, integra traços caracteristicamente românticos. O romance possibilita, por meio de análises e interpretações, conexões com contextos e realidades vivenciadas por parcelas específicas da população.

Quando das análises e considerações acerca da representação feminina, o romance, expressiva e verdadeiramente, delinea pensamentos e visões típicos da época, reduzindo o universo feminino aos limites da residência conjugal, à geração de descendentes e cuidado da família. Neste sentido, consideramos que os objetivos do artigo foram atingidos, uma vez que demonstramos, por meio de Maria-da-Hortaliça e Luisinha, as realidades vivenciadas por mulheres ficcionais, permitindo-nos materializá-las em contextos reais. Deste modo, “[...] o que chama a atenção é a persistência da ideia de uma natureza feminina que faz da mulher a alma da família, como se o pai não existisse” (DHOQUOIS, 2003, p. 54). De fato, ao longo do romance, enquanto as personagens femininas estão restritas ao lar e suas famílias, as figuras masculinas se demonstram inexistentes, vivenciando o contexto social e pouco interferindo no restritivo universo destinado às mulheres.

Na clássica narrativa de Manuel Antônio de Almeida, observamos, como salienta Bosi (2015), algumas das principais experiências e vivências da parcela pobre da população de um Rio de Janeiro do início do século XIX. Do mesmo modo, acompanhamos uma perpétua sujeição à necessidade. Retratada não apenas pelas figuras

masculinas do romance, mas também pelas personagens femininas que, restringidas aos limites do matrimônio, lar e cuidado com a família, acabam por sujeitarem-se às expectativas, contextos, realidades e necessidades impostas as suas próprias trajetórias.

Ainda que representem uma análise e contraponto possível para a redução da figura feminina no contexto da sociedade e produção literária, romântica, nacional do século XIX, Maria-da-Hortaliça e Luisinha destacam vivências que as diversificam, possibilitando ao leitor a formação de cenários amplos acerca de como se davam as relações e realidades da época, funcionando, assim, como uma janela para o passado. Janela esta que oportuniza conhecer de onde viemos, a fim de definir com maior precisão para onde pretendemos seguir.

Referências

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Penguin-Classics; Companhia das Letras, 2013.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. v. 2.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. In: CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2015. p. 9-47.

CASTRO, Ruy. Maneco: um autor que escreveu sua obra-prima aos vinte anos - e levou os dez restantes a caminho do oblívio. In: ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Penguin-Classics Companhia das Letras, 2013. p. 7-28.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2011.

DHOQUOIS, Régine. O direito do trabalho e o corpo da mulher (França: séculos XIX e XX): proteção da produtora ou da reprodutora?. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p. 43-56.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, de 'Dialética da malandragem'. In: SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 129-155.